

O homem, o poeta e o professor são outras tantas faces do mesmo homem, Rómulo de Carvalho, que é evocado numa exposição, patente no Museu da Ciência (Lisboa) até meados de Setembro.

CARLOS PESSOA
Jornalista

Exposição sobre Rómulo de Carvalho — António

PEDRA FILOSOFAL

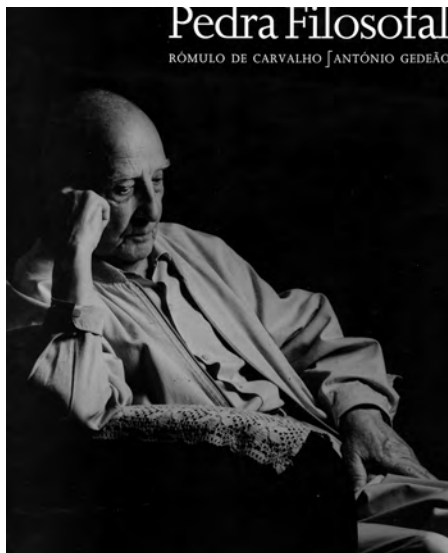
“Confesso-vos que sempre no íntimo desejei ter sido marceneiro”

É uma frase avulsa, colocada numa parede da exposição "Pedra Filosofal", consagrada a Rómulo de Carvalho, no Museu da Ciência, em Lisboa. Surpreende pela sua singularidade, sobretudo quando se sabe que foi formulada por um dos mais notáveis vultos da ciência e da cultura portuguesas. O mais significativo, porém, é sabermos que esse desejo não era apenas metafórico, ao jeito de uma expressão poética sem consequências. De facto, o físico e professor Rómulo de Carvalho tinha uma bancada de carpintaria no laboratório — patente na exposição —, com a qual fabricava a maior parte dos instrumentos e modelos de Física com que ensinava os seus alunos de Físico-Químicas do Liceu Pedro Nunes, em Lisboa... Poder-se-ia arriscar que essa activa manipulação da matéria-prima vegetal — no caso, a madeira — era o reverso natural de um outro sentido da sua própria existência, que ele também soube formular de forma bem nítida, ao afirmar:

“Tudo o que fiz é marcado pelo desejo de ser útil aos outros (...) num sentido de comunicação, de dar aos outros uma oportunidade de se compreenderem, de se interpretarem”.

A viagem proposta pela vida e obra de Rómulo de Carvalho põe em evidência essa diversidade de faces de uma mesma pessoa. O homem, o professor e pedagogo, o poeta são assim evocados ao longo de vários núcleos, recheados de informações úteis e bem articuladas, para se apresentarem num todo significativo que confere o maior interesse a esta exposição coordenada por Fernando Bragança Gil e realizada por Luísa Corte-Real e Marta Lourenço.

Gedeão no Museu da Ciência até Setembro



O HOMEM

No princípio era o homem. Rómulo de Carvalho nasceu no dia 24 de Novembro de 1906. Por coincidência, essa foi uma semana marcada por um acontecimento invulgar, devidamente assinalado pela imprensa da época: a lotaria saiu ao número 1, premiado com 12 contos, uma fortuna naquele tempo. O próprio Rómulo de Carvalho se refere ao evento nas suas memórias ainda inéditas, e nessa conjugação de eventos poderiam os mais sonhadores encontrar a manifestação de uma diferença que os anos se encarregariam de sublinhar. Mas a verdade é que, tal como a exposição dá a conhecer, o homenageado foi, em muitas coisas, um homem igual aos seus semelhantes. As fotografias de família, que lhe traçam a história de vida, e os seus objectos pessoais desvendam essa trajectória. Fica-se assim a saber que colecionou selos e postais, organizou um álbum de recordações de viagens, conservou insígnias e galardões. Mas esses objectos, agora apartados daquele que lhes deu vida, são apenas os sinais concretos de uma memória e de um passado que o próprio Rómulo de Carvalho sintetizou numa auto-avaliação inscrita na exposição:

“O meu rosto não exprime o que sou. Eu pertenci àquele grupo de seres que não se identificam com as massas. Também não queria estar só. Tive amigos excelentes”.

O POETA

Essa radical afirmação de uma individualidade pode ser encontrada, sob outra forma, na dimensão poética da sua existência, sob o pseudónimo de António Gedeão. Dele disse Rómulo de Carvalho que era *“aquele meu amigo íntimo”*: *“Criatura que muito estimei e que muito me ajudou a suportar os dissabores da existência”.*

O poeta manifesta-se publicamente apenas aos 50 anos, numa fase já de plena maturidade. Dele reterão as gerações mais novas o poema "Pedra Filosofal", celebrizado pela voz do cantor Manuel Freire. Na exposição, além da presença das inúmeras edições dos seus livros, a voz de Mário Viegas dá também vida a alguns dos poemas de Gedeão. No entanto, é preciso dizer que a poesia de Gedeão é muito mais do que isso, lugar de cruzamento da experiência do cientista com a do poeta, como sublinha Manuel Frias Martins num texto do excelente catálogo da exposição:

“Gedeão reinterpreta o conhecimento científico de Rómulo de Carvalho, oferecendo como resultado a reinvenção na poesia de uma estética da linguagem científica”.



Rómulo de Carvalho aos 16 anos

O PROFESSOR E PEDAGOGO

Antes e depois dessa aventura poética, Rómulo de Carvalho foi professor-metodólogo. É, naturalmente, o núcleo mais vasto da exposição, percorrendo de forma agradável e sugestiva diversas facetas da sua actividade. Os modelos atómicos construídos por suas próprias mãos evocam o "professor exemplar", como se lhe refere um antigo aluno, José David-Ferreira, hoje vice-reitor da Universidade de Lisboa:

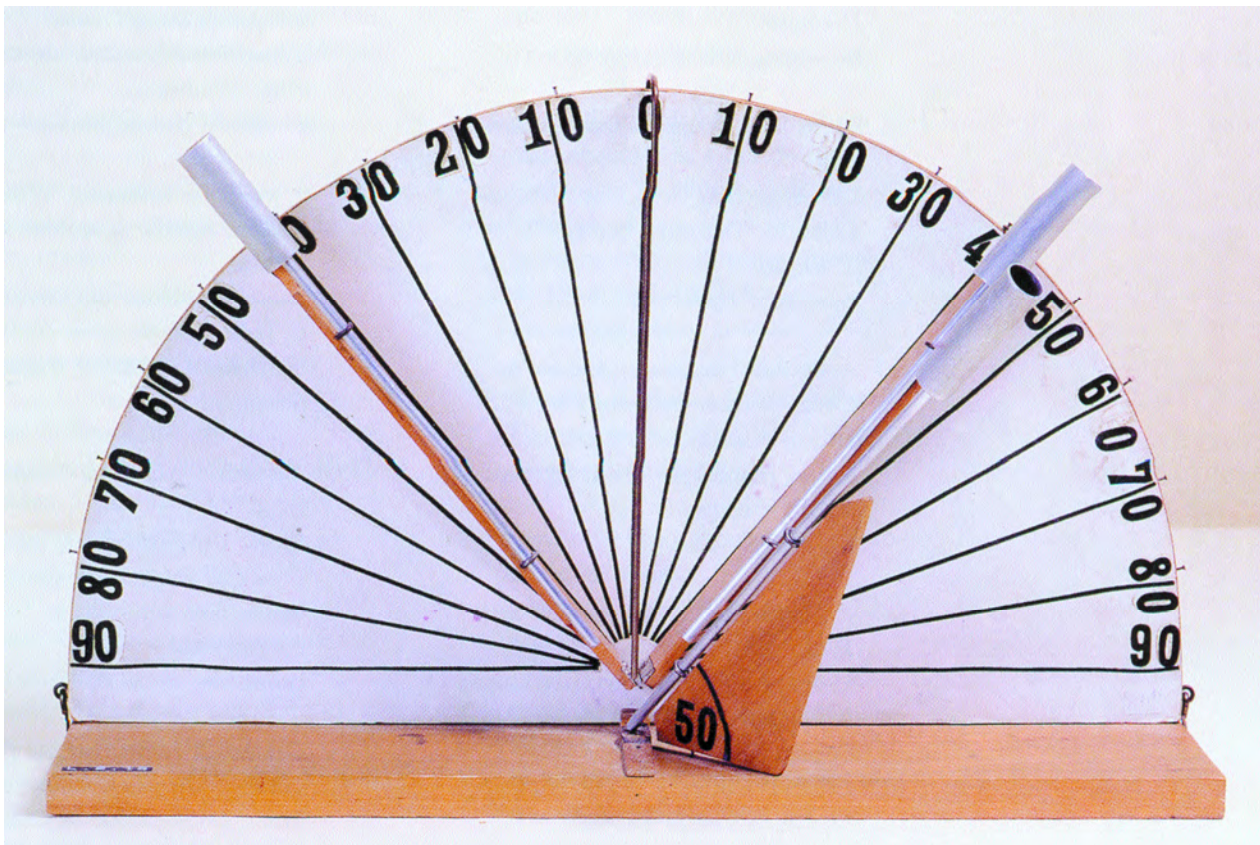
“O que mais que tudo apreciávamos eram as visitas periódicas ao Gabinete de Física ou ao laboratório de Química. Tinham o sabor de excursões ao universo até então desconhecido da experimentação. Aí assistíamos às demonstrações do Professor que, utilizando os materiais didácticos disponíveis, punha em evidência factos e conceitos que nos transmitira. O plano inclinado, a queda dos corpos no vácuo, a experiência de Torricelli, as leis do pêndulo, o espectro luminoso, a indução magnética, a electricidade estática, pilhas e acumuladores... uma viagem experimental pela Física”.

Era esse mesmo sentido que Rómulo de Carvalho imprimia à sua acção como metodólogo, orientando os estágios pedagógicos de gerações e gerações de futuros professores efectivos. Eis como essa vivência é redorada por Alcina do Aido e Maria Gertrudes Bastos, professoras aposentadas de Físico-Químicas:

“O objectivo prioritário (...) era sensibilizar-nos para os problemas da actividade ensino-aprendizagem, sem nos impor um ‘modelo’ definitivo de professor. Toda a sua actuação tinha por fim incentivar-nos para a descoberta e desenvolvimento das potencialidades que nos permitissem criar o nosso modelo pessoal de professor, adaptável em cada momento, à realidade aluno-escola”.

A percepção que o próprio professor e pedagogo tem desta vertente da sua acção está admiravelmente sintetizada nestas palavras:

“Soube-se bem ensinar. Era essa a minha vocação, ou seja, etimologicamente, a minha voz interior”.



Dispositivo para estudar as leis da reflexão da luz

O HISTORIADOR E DIVULGADOR

A História da Ciência muito deve também a Rómulo de Carvalho. Os livros e artigos que publicou, devidamente referenciados e indicados na exposição, fazem dele “*uma das primeiras personalidades a historiar o século XVIII científico, sabendo seleccionar e valorizar factos, objectos, personalidades, instituições, ideias e correntes de pensamento, enquanto na generalidade das ‘oficinas’ dos historiadores ‘encartados academicamente’ estes ventos de modernidade temporal entraram tardiamente, como tópicos de investigação*”, escreve no catálogo Fátima Nunes, investigadora do Centro de Estudos de História e Filosofia da Ciência da Universidade de Évora. E conclui: “*Olhando gradualmente a vastidão de trabalhos publicados, entendemos que os anos 70 possibilitaram um movimento contínuo de publicações de uma ‘fala do historiador’, nascida nos Arquivos e Bibliotecas das cidades do Mondego e do Tejo!*”

Falta falar do seu precioso e persistente trabalho de divulgação científica. A Biblioteca Cosmos, a Coleção Ciência para Gente Nova da Atlântida, os Cadernos de Iniciação Científica da Sá da Costa são, em momentos diversos da sua vida, outros tantos marcos desse intenso labor para levar a mais vastos públicos um conhecimento tradicionalmente detido por “guardiões do saber”. Essa preocupação fez de Rómulo de Carvalho um dos mais assíduos colaboradores da “Gazeta de Física”. Foi nas páginas desta publicação que viram a luz, até 1974, nada menos do que 22 artigos de divulgação científica, orientação pedagógica e actualização didáctica. É obra!



Modelo atómico

O QUE SE DIZ SOBRE A EXPLORAÇÃO ESPACIAL

“Julgo que em breve viajaremos por naves aéreas; faremos viagens aéreas em vez de viagens marítimas; e encontraremos o caminho para a Lua; tudo isto contra a vontade da atmosfera”.

Lord Byron, 1822

“No que respeita aos ianques, só ambicionam, tomar posse deste novo continente do céu [a Lua], e erguer no cume do monte mais elevado a bandeira estrelada dos Estados Unidos”.

Júlio Verne, 1865

“A Terra é o berço da humanidade. Mas ninguém vive para sempre no seu berço”.

Konstantin Tsiolkovski (1857-1935)